

A arte da tatuagem

A atividade ganha admiradores e supera antigos preconceitos

GABRIELA ROCHA

Tatuagem é o processo de introduzir tinta sob a epiderme para apresentar na pele a arte desejada pelo indivíduo tatuado. O tema já não é mais novidade. Essa é a forma de modificação corporal mais famosa no mundo e é cada vez mais utilizada no Brasil. Temos a ideia de que vivemos num mundo moderno, no qual a liberdade de expressão e igualdade são seus pilares, embora ainda hoje existam aqueles que não apreciam a atividade.

A arte sob a pele não é moda nova. Não se sabe ao certo quando a prática começou, mas um dos registros mais antigos foi detectado no famoso Homem do Gelo – múmia com aproximadamente 5,3 mil anos, descoberta em 1991 nos Alpes. Já as múmias egípcias femininas, como a Amunet, apresentam traços e pontos escritos na região do abdome, indicando, a partir daí, que a tatuagem no Egito Antigo poderia ter relação com cultos à fertilidade.

A tatuagem serviu, também, como identificação de grupos sociais, marcação de prisioneiros, ornamentação e até como camuflagem. Com o cristianismo, a técnica caiu em desuso no Ocidente e foi proibida. Tal tradição somente foi redescoberta em 1769, quando o navegador inglês James Cook realizou uma expedição à Polinésia e registrou em seu diário de bordo o costume local: “homens e mulheres pintam o corpo. Na língua deles, chamam isso de tatau. Injetam pigmento preto sob a pele de tal modo que o traço se torna indelével”.

Cem anos depois, Charles Darwin afirmaria que nenhuma nação desconhecia a arte da tatuagem. Na verdade, dizia que a maioria dos povos do planeta praticava ou havia praticado algum tipo de tatuagem. Em 1873, um artista chamado Gottfried Lindauer (1838-1926) chegou à Nova Zelândia e ficou fascinado pelos Maoris – tribo primitiva do local. Até o final do século XIX, havia terminado mais de 100 retratos que agora fazem parte de uma valiosa coleção de uma Galeria de Arte em Auckland, Nova Zelândia. Sua obra é de grande valor histórico, pois



Tatuagem Maori

é um registro preciso de algumas das mais sofisticadas e artísticas tatuagens Maori.

“Capitão Cook escreveu em 1769: as marcas em geral são espirais e até mesmo possuem grande elegância. Um dos lados corresponde ao outro. As marcas no corpo lembram folhagens, ornamentos, filigranas, mas eles têm um tal luxo de formas que de 1 em 100 primeiros que apareciam exatamente as mesmas, não foram formadas duas iguais a uma análise aprofundada”, de Horatio G. Robley, em trecho de seu livro *Moko ou Maori tatuagem*.



Breno Reis trabalhando os desenhos

Desde a década de 1950 até o século XXI, muitas técnicas foram aprimoradas. Quando a tatuagem chegou ao Brasil, por volta de 1950, havia apenas cinco cores disponíveis, os traços eram grossos, as agulhas limitadas e os desenhos não podiam ser muito trabalhados. Agora, cerca de 70 tonalidades para pele estão disponíveis no mercado, o que possibilita desde o *dégradé* até verdadeiras pinturas na pele.

Além dos avanços tecnológicos, foi fundamental a regulamentação da atividade. O presidente do Sindicato das Empresas de Tatuagem e Body Piercing do Brasil (Setap), Antonio Carlos Ferrari, disse numa entrevista que considera positiva a regulamentação dos equipamentos e tintas que não possuíam nenhuma regulamentação.

“É superpositivo para a população que, a partir de fevereiro (2009), pode descobrir quem são os tatuadores que trabalham com a tinta correta para ser introduzida na pele. As pessoas vão descobrir se a tinta está regularizada ou não, já que na embalagem vai constar o número do registro na Vigilância Sanitária”, afirma Ferrari.

Ele também conta que o próprio Setap já havia pedido a regulamentação dos produtos, depois de notar a existência de materiais sem procedência. “Surgiram muitos produtos ruins e sem procedência nenhuma. Há tintas sem rótulo e não sabemos exatamente o que há dentro dos frascos. Nós levamos esse problema ao conhecimento da Anvisa há cinco anos”, diz.

Apesar de ser muito identificada com a criminalidade e com o sistema penitenciário, a arte da tatuagem nos últimos anos vem virando objeto de sofisticação devido à influência da mídia e, assim, a arte corporal vem se tornando cada vez mais popular. A técnica, hoje, reconhecida e respeitada, atrai cada vez mais adeptos à “Arte”.

Breno Reis, além de tatuador é também estudante de Pintura na Escola de Belas Artes (UFRJ) e forma uma equipe, ARTECORE, que trabalha com aerógrafo em diferentes superfícies. Segundo Breno, o gosto pela tatuagem aflorou quando teve contato com a tatuagem dentro da família – por ser o caçula, chegou a ver muitas tatuagens na irmã e nos primos.

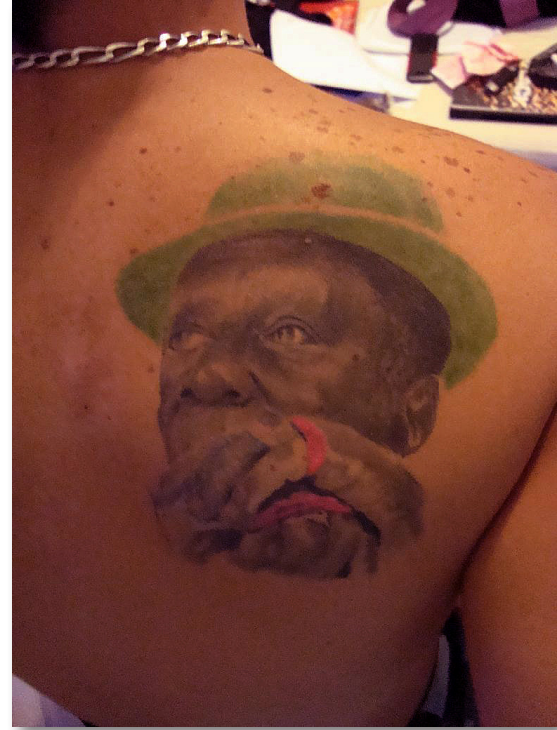
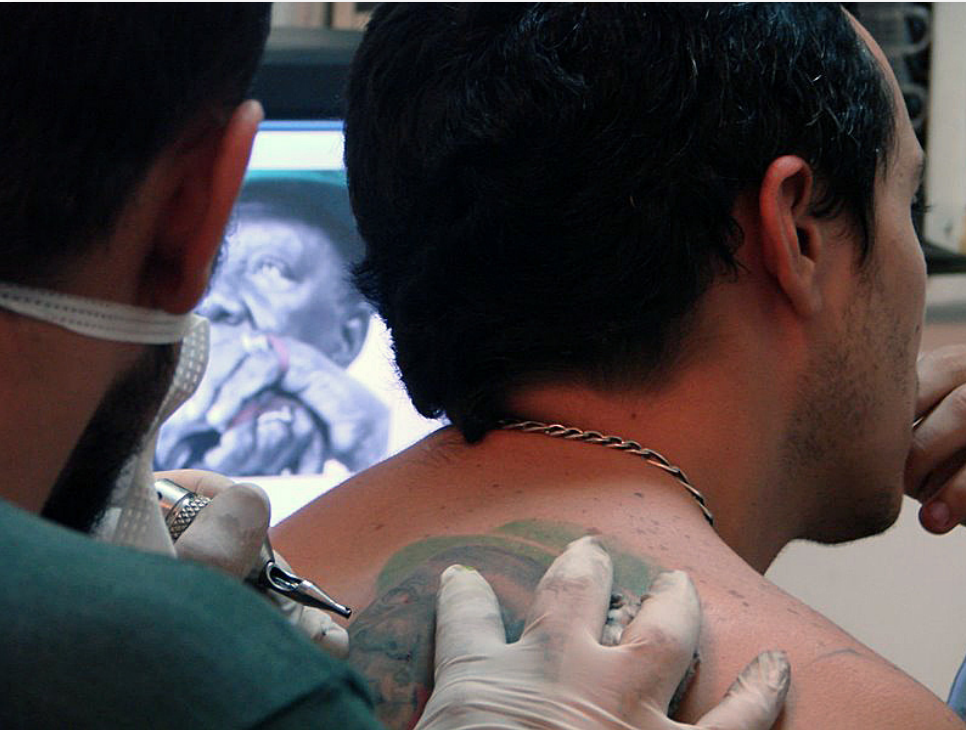
Reis já trabalhou em alguns estúdios do Rio de Janeiro e conhece bem o meio. Hoje ele tem seu próprio trabalho, através do seu estúdio *indoor* – como é chamado o profissional que trabalha em casa, com uma clientela mais seleta. A família do tatuador, por sua vez, consegue ver atualmente o profissionalismo que demanda a atividade. “A minha avó começou a ver o neto dela virando tatuador, virando artista. E mais, levando a sério. Porque antigamente também tinha isso: tatuadores que não levavam a sério o que faziam. Foi muito importante para mim o reconhecimento dela”, conta Breno.

ECLÉTICA: O que é a “tatuagem”?

BRENO: A tatuagem é um movimento artístico feito na pele, que foi usado de diversas maneiras pelos povos do mundo, ao longo da história. Para se fazer uma tatuagem, você pega uma tinta – basicamente natural –, uma agulha ou algum instrumento que faça a incisão e machuque a pele. Assim, você tem uma absorção da tinta. Você destrói uma célula que produz a melanina e coloca ali o pigmento. A pele fagocita esse pigmento até a própria pele se “fechar”. Nesse momento, acontece um processo de cicatrização. Até isso acontecer, a pele vai se “despigmentando”, vai jogando pigmento pra fora.

E: A tatuagem é vista, portanto, de maneiras diferentes ao redor do mundo. Como a atividade ganhou notoriedade ao longo dos anos?

B: Essa relação entre o homem e o fato de você machucar a pele, você marcar a pele de alguém para sempre, é uma relação, historicamente, muito antiga. Sendo assim, você tem em diversas civilizações o princípio do que é, hoje, “tatuagem” – como nos povos maoris, os havaianos e até os egípcios. O Sul da Ásia e os polinésios, principalmente, têm essa relação muito forte com a Arte há anos. Nesses



Breno Reis tatua Leonardo Arruda: Jamelão da Mangueira

lugares, a relação do homem com a tatuagem era, especialmente, tribal, espiritual ou religiosa. Em alguns desses lugares não é só tatuagem e, sim, o body modification, como é chamado hoje em dia – são machucados na pele, cortes. São formações de quelóides trazidas artisticamente.

Nos povos africanos, por exemplo, existe muito isso. Já nos polinésios, no Sul da Ásia, eles tratam a pele como uma forma de remeter às batalhas. Em alguns lugares, como na Índia, usa-se henna na pele, que é uma técnica que se utiliza de uma tinta que sai. No entanto, onde a história da tatuagem é mais forte – como na Austrália e na Nova Zelândia –, ela já é feita através da incisão de pigmento na pele. A tecnologia, como milhões de outras formas de arte, chegou para revolucionar uma popularização da tatuagem. Até o nome é evoluído ('Tatau' é o nome que se deu inicialmente à tatuagem, devido ao som feito pelo instrumento que era utilizado ao bater na pele). Existe uma evolução: tanto em relação ao material, como das agulhas e tintas.

Foi o momento em que começam a aparecer, também, desenhos diferentes – não só lineares, mas desenhos com formas diferentes, como flores, animais ou pessoas. E o homem também foi evoluindo a partir disso. Ao chegar à Modernidade, logo surgiu o equipamento da máquina elétrica, que era inicialmente uma máquina para fazer formas em superfícies lisas – como o metal, por exemplo. Ela foi adaptada e, a partir daí, foi criada a máquina

de tatuagem – que trabalha tecnologicamente como um imã elétrico. Ocorreu, também, uma evolução das tintas. E, desde então, começou a se popularizar a tatuagem. Hoje, você tem uma maior popularização em relação à arte e ao pensamento artístico em torno da tatuagem.

E: Como a atividade chegou ao Ocidente?

B: Todos os povos antigos tratavam a tatuagem como uma situação religiosa, uma situação de guerra. Quando o ocidental passou pela área oriental, trouxe a tatuagem junto com as navegações das Índias e, assim, trouxeram também a tatuagem para o Ocidente. Na época, só os navegadores e pessoas que entravam nos barcos antigos eram vistos como homens que não eram bons de conviver – como bandidos. Eles se tatuavam, portanto, exatamente porque rodavam o mundo. É claro que, na década de 1970, 80, você tem uma popularização muito grande por conta da própria época, pelo momento histórico que o mundo vivia. Você tinha aquela coisa das pessoas rodarem. Esse pensamento da popularização, em si, foi muito em relação à moda, à estética. Saiu daquela coisa suja das cadeias, daquela coisa marginal da agulha – que era um pedaço de ferro e usava uma tinta de caneta – para uma tecnologia mais avançada: agulhas feitas esterilizadas, pigmentos feitos só para aquilo. Foi profissionalizando mais o artista e, nem tanto, o preconceito.



Estúdio Miami Ink: série de TV

E: A que você atribui o fato dela ainda ser vista como uma atitude transgressora?

B: “Transgressora” é uma característica que se encaixa mais na visão da sociedade ocidental e atual. O pensamento em relação à tatuagem, o preconceito em relação à tatuagem, tudo, começou a ser muito quebrado, como eu falei, através da globalização. O boom da tatuagem se deu muito pela globalização.

E: Seria a globalização o que permitiu que a tatuagem pudesse, hoje, ser vista como uma modalidade artística?

B: A “tribo dos tatuados” é, hoje, muito maior do que décadas atrás. Antigamente, se você tivesse vindo dos bairros mais pobres, você era visto como um marginal – no sentido de ser dos bairros pobres – ou você era visto como um bandido, porque nas cadeias, naquela época, existiam muitas tatuagens que eram feitas de qualquer maneira. À medida que o tempo passou, com a globalização, que foi uma das coisas que mais perpetuou a tatuagem e você passou a ter informação para todo o mundo. Ou seja, você percebe que pode chegar a qualquer outro ponto do globo aonde aquilo é uma coisa normal. Então, eu acho que a globalização foi o que conseguiu abrir melhor as portas para a tatuagem e, claro, você também teve artistas que popularizaram a atividade. A população que não tinha dinheiro, antigamente, para se tatuar, começou a se tatuar. E com isso, certos setores da população começaram a ver isso em desenhos mais elaborados, em artistas, que trabalhavam melhor, trabalhavam mais artisticamente, que tinham uma estética mais elaborada.

A partir do momento que se tem nível técnico de tatuagem muito mais avançado, as classes média e alta, começam a ver a tatuagem com uma visão artística. Hoje em dia, com a internet e a globalização, por consequência, você tem uma gama de informações muito maior. E a tatuagem também foi muito ajudada com isso.

E: A mídia é uma das mais influentes formadoras de opinião. O que você acha de programas de televisão como Miami Ink e Rio Ink?

B: Assim como a globalização e a popularização acontecem, ocorre também a banalização. Você chega a um determinado ponto de divulgação desse tipo de arte que você começa a banalizar. Por exemplo, programas como esses – Miami Ink ou Rio Ink, acabam banalizando porque aquilo não é a realidade do cotidiano de um estúdio de tatuagem. Aquilo ali não é o dia-a-dia de um tatuador.

O tatuador, por exemplo, não “dá um rolê” e vai treinar boxe no meio da tarde, se ele tem obrigações ao longo do dia com a tatuagem. Assim como qualquer profissional. No programa você acompanha um momento específico, um lugar específico, um marketing aplicado. O estúdio de tatuagem não é uma loja em Los Angeles. E digo de uma forma geral. Isso não costuma ser visto de maneira positiva por quem entende do assunto. Aquilo ali é um programa feito para leigos, espectadores, observadores. Serve para mostrar a esse telespectador como se faz, mais ou menos, a tatuagem, já que eles também não mostram como é aplicado, como é esterilizado o material, qual o tempo que se perde para se fazer um desenho. Ou seja, como aquilo é feito exatamente. Em minha opinião, é como se passassem a informação de qualquer maneira e fizessem o trabalho de *marketing* televisivo em cima do estúdio de tatuagem, que não é só criação.

E: Existe um público específico que procure mais por tatuagem?

B: O fato de você trabalhar com uma espécie de tela fora do normal, fora dos alcances que se tem, usada pelos artistas “normais” – como a parede, grafite, tela –, a tatuagem acaba atraindo mais os jovens, naturalmente.

E: Qual é a regulamentação que garante a segurança do processo?

B: Eu não posso dizer exatamente como está a regulamentação da profissão, não tenho certeza. Mas posso adiantar que já existe um Sindicato dos



Art Nouveau francesa: propaganda de cigarro

Tatuadores, embora a atividade dos tatuadores seja uma atividade autônoma. Quanto à legislação e o Ministério da Saúde, existe uma responsabilidade do profissional com o equipamento e o seu uso – assim como existem nos cabeleireiros e salões, por exemplo –, que exige a esterilização dos materiais utilizados no processo da tatuagem. Então, as ferramentas de trabalho dos tatuadores devem deixar de ser esterilizadas na “estufa de alta temperatura” para ser tratadas na “autoclave”. Esta, por sua vez, é a mesma peça que o dentista utiliza, já que ele também trabalha com um material que pode ser perigoso para algumas doenças sanguíneas. A autoclave é um material hospitalar, em que você mantém a esterilização. Já a estufa esteriliza, mas não mantém essa esterilização.

E: A tatuagem é a incisão de tinta na pele. Como as pessoas costumam levar isso para o resto da vida?

B: Eu costumo dizer que “não sou tatuador, sou o gênio da lâmpada” (risos). Porque a pessoa so-

nha, imagina uma imagem e aquilo vai para a pele dela. Você tem que transcrever aquela imaginação, aquela imagem que a pessoa quer, para a pele dela. E aquilo vai para o resto da vida com ela. Então você tem uma intimidade com o desenho, de você ter que satisfazer a pessoa que está pensando numa coisa para ela, que é para a vida inteira. Eu não faço um desenho de R\$ 150, por exemplo, porque eu quero ganhar R\$ 150! Eu faço um desenho, seja o preço que for, mas que a pessoa possa lembrar daquele momento. Não é só o desenho, mas também aquele momento que é muito forte, um momento em que a pessoa está marcando o corpo dela para sempre. É um momento em que o cliente vê o desenho e fala: “é esse que eu quero” e, assim, decide qual é o desenho que vai ficar com ela para o resto da vida. Ou seja, a pessoa está te dando confiança ao permitir que o tatuador faça um trabalho bom na pele dela. Sendo assim, ela vai procurar um profissional com quem ela se identifique.



Trabalho da Artecore numa sala em Ipanema: cerca de 6m de largura

E: Como é a relação entre tatuador e cliente. E vice-versa?

B: Para mim é mais uma questão pessoal. A minha relação com o cliente, como eu trabalho dentro de casa, *indoor*, é uma relação mais pessoal, mais íntima. Então, por trabalhar em casa, eu não abro as portas para qualquer um. Este tipo de tatuador costuma trabalhar com o boca-a-boca, usando as tatuagens já realizadas por ele como uma espécie de portfólio na rua. As pessoas veem desenhos nos outros e perguntam: “Ah, quem fez?”. Ao responder, surge a chance da pessoa que perguntou, querer conhecer ainda mais do trabalho desse profissional. Sendo assim, ela se torna um novo cliente, assim como uma nova fonte para outros. Além disso, é muito gratificante você fazer um bom tra-

balho para a pessoa, que depois vira e fala: “esse profissional fez isso e eu vou lembrar dele para o resto da minha vida porque está aqui”. É a minha imagem na memória da pessoa. Eu fico para o resto da vida na memória dela. É muito mais fácil, até, o cliente lembrar de mim e eu não lembrar do cliente porque eu estive ali no momento. Então, a relação da pessoa comigo é maior do que eu com ela, exatamente por eu estar marcando. Então, se você é um profissional que lida com o desenho sob a pele, se fizer com que o cliente veja uma imagem boa daquilo, fique satisfeito, você vai ter uma relação com a pessoa muito melhor, com certeza. Nem sempre você gosta da imagem que pode vir a tatuar, mas se for uma imagem esteticamente bonita, a pessoa vai gostar.



E: *O que o curso de belas artes acrescentou à sua profissão?*

B: Eu entrei para a faculdade de belas artes exatamente para somar à minha técnica da tatuagem, para que eu possa saber mexer – cada vez melhor – com as cores, estudar academicamente desenhos, pintura em si. Eu lido com a tatuagem como uma pintura e eu entrei para a faculdade com essa ideia, de trabalhar com a pintura de formas diferentes. Pedi a um amigo para me ensinar aerógrafo (mais conhecido como Airbrush) e formamos uma equipe – Artecure – que usa outra técnica. É um modo de não trabalhar só com a tatuagem. Com o trabalho do aerógrafo, você também tem um tom pré-estipulado, ou seja, já tem um pigmento na lona, que é até bem pareci-

do com o da pele. É, também, uma forma de você se deslocar um pouco do trabalho com agulha e pele e ver o que é tinta em outros suportes. Em todo caso, é animador o fato de você poder mostrar dentro da faculdade, que você trabalha com um suporte móvel, como acontece com o grafite, a parede ou a tela, mas que é, no caso da tatuagem, a pele humana.

E: *Para você, o que seria uma tatuagem artística?*

B: A faculdade me trouxe uma visão mais artística sobre a atividade. Minha visão hoje em dia é muito mais artística sobre o que é o suporte da pele. A única diferença em relação às demais manifestações artísticas é o suporte: já tem um tom pré-estipulado e reage com a tinta. 